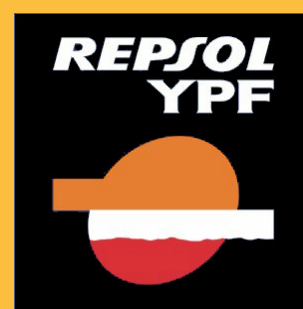


PLANO DE EMERGÊNCIA EXTERNO



CERTITECNA - ENGENHEIROS CONSULTORES, SA

OUTUBRO 2011

3.2.2	Área de Apoio Logístico às populações	59
3.3	ÁREA DE COMUNICAÇÕES	61
3.4	ÁREA DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE APOIO ÀS OPERAÇÕES	64
3.4.1	Área de Gestão da Informação de Apoio às Operações	64
3.4.2	Área de Gestão da Informação Pública.....	66
3.5	ÁREA DE PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	70
3.6	ÁREA DE MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA.....	100
3.7	ÁREA DE SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS	102
3.8	ÁREA DE SOCORRO E SALVAMENTO	106
3.9	ÁREA DE SERVIÇOS MORTUÁRIOS	108
3.10	PROTOCOLOS.....	112
4	INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR	113
4.1	SECÇÃO I	113
4.1.1	Organização da Protecção Civil em Portugal	113
4.1.1.1	Estrutura da Protecção Civil.....	113
4.1.1.2	Estruturas das Operações	114
4.1.2	Mecanismos da Estrutura de Protecção Civil.....	117
4.1.2.1	Composição, Convocação e Competências da Comissão de Protecção Civil	117
4.1.2.2	Critérios e Âmbito Para a Declaração de Situações de Alerta	118
4.1.2.3	Sistema de Monitorização, Alerta e Aviso.....	119
4.1.2.3.1	Sistema de Monitorização	119
4.1.2.3.2	Sistema de Alerta.....	120
4.1.2.3.3	Sistema de Aviso.....	121
4.2	SECÇÃO II	123
4.2.1	Caracterização do estabelecimento	123
4.2.1.1	Implantação Geográfica.....	123
4.2.1.1.1	Envolvimento exterior.....	123
4.2.1.1.2	Vias de Acesso	123
4.2.1.2	Descrição do Estabelecimento	124
4.2.1.2.1	Descrição geral	124
4.2.1.2.2	Descrição sumária dos Processos.....	126
4.2.1.2.3	Meios de intervenção disponíveis na instalação.....	127
4.2.1.2.3.1	Sistemas de combate a Incêndio.....	127
4.2.1.2.3.2	Sistemas de combate a derrames.....	130
4.2.1.2.4	Sistema de Tratamento de Efluentes	131
4.2.1.2.5	Zona de concentração local / Ponto de encontro	131
4.2.2	Caracterização da envolvente	132
4.2.2.1	Caracterização física.....	132
4.2.2.1.1	Enquadramento geográfico.....	132
4.2.2.1.2	Orografia do Concelho	133
4.2.2.1.3	Declive do Concelho.....	135
4.2.2.1.4	Sismicidade.....	137
4.2.2.1.5	Caracterização Meteorológica	137
4.2.2.1.5.1	Regime de ventos	138
4.2.2.1.5.2	Estabilidade atmosférica	139
4.2.2.1.5.3	Temperatura.....	139
4.2.2.1.5.4	Pluviosidade	140
4.2.2.1.5.5	Humidade relativa.....	140
4.2.2.1.5.6	Insolação	141
4.2.2.1.5.7	Nebulosidade.....	142
4.2.2.1.5.8	Número de Dias com Nevoeiro.....	143
4.2.2.1.6	Uso do solo.....	143
4.2.2.1.7	Áreas sensíveis.....	145
4.2.2.2	Caracterização demográfica.....	145
4.2.2.2.1	População Residente por Censo e Freguesia (1991/2001) e Densidade Populacional (2001).....	145
4.2.2.2.2	Envolvente urbana da Repsol Banática	146

4.2.2.3	Caracterização de Infra-estruturas	146
4.2.2.3.1	Equipamentos relevantes / sensíveis localizados nas proximidades da Repsol Banática.....	146
4.2.2.3.2	Instalações industriais localizados nas proximidades da Repsol Banática	147
4.2.2.3.3	Aeroportos e bases aéreas	147
4.2.3	<i>Caracterização do Risco</i>	<i>148</i>
4.2.3.1	Identificação e caracterização de perigos	148
4.2.3.1.1	Ficha de Dados de Segurança - Acetona.....	149
4.2.3.1.2	Ficha de Dados de Segurança - Butanol.....	156
4.2.3.1.3	Ficha de Dados de Segurança – Butano.....	163
4.2.3.1.4	Ficha de Dados de Segurança – Propano.....	169
4.2.3.1.5	Ficha de Dados de Segurança - Gasóleo	175
4.2.3.1.6	Comportamento previsível das substâncias indicadas	181
4.2.3.1.7	Métodos de deteção.....	182
4.2.3.2	Cenários de Acidentes Graves.....	183
4.2.3.2.1	Identificação dos Cenários.....	185
4.2.3.2.1.1	Cenário 1: Rotura na linha de saída do reservatório de Acetona	187
4.2.3.2.1.2	Cenário 2: Sobreenchimento do reservatório de Acetona.....	188
4.2.3.2.1.3	Cenário 3: Rotura do reservatório de Acetona	189
4.2.3.2.1.4	Cenário 4: Rotura de linha de saída do reservatório de Butanol.....	190
4.2.3.2.1.5	Cenário 5: Sobreenchimento do reservatório de Butanol	191
4.2.3.2.1.6	Cenário 6: Rotura do reservatório de Butanol	192
4.2.3.2.1.7	Cenário 7: Rotura na linha de saída do reservatório de Gasóleo	193
4.2.3.2.1.8	Cenário 8: Sobreenchimento do reservatório de Gasóleo.....	194
4.2.3.2.1.9	Cenário 9: Rotura da esfera de Propano	195
4.2.3.2.1.10	Cenário 10: Rotura da esfera de Butano.....	196
4.2.3.2.1.11	Cenário 11: Fuga na linha de recepção de Acetona.....	197
4.2.3.2.1.12	Cenário 12: Rotura na linha de expedição de Acetona.....	198
4.2.3.2.1.13	Cenário 13: Rotura na linha de expedição de Butanol.....	199
4.2.3.2.1.14	Cenário 14: Rotura da linha de expedição de Gasóleo	200
4.2.3.2.1.15	Cenário 15: Fuga na linha de recepção de Propano	201
4.2.3.2.1.16	Cenário 16: Fuga na linha de recepção de Butano	202
4.2.3.2.1.17	Cenário 17: Fuga na linha de recepção de Gasóleo no interior da bacia de retenção ..	203
4.2.3.2.1.18	Cenário 18: Fuga na linha de recepção de Gasóleo fora da bacia de retenção	204
4.2.3.2.1.19	Cenário 19: Fuga na linha de expedição de Propano.....	205
4.2.3.2.1.20	Cenário 20: Fuga na linha de expedição de Butano.....	206
4.2.3.2.1.21	Cenário 21: Fuga na bomba de Gasóleo	207
4.2.3.2.1.22	Cenário 22: Fuga na bomba de Propano	208
4.2.3.2.1.23	Cenário 23: Fuga na bomba de Butano	209
4.2.3.2.1.24	Cenário 24: Rotura na mangueira de Acetona de enchimento de cisterna.....	210
4.2.3.2.1.25	Cenário 25: Rotura na mangueira de carga de navio com gasóleo.....	211
4.2.3.2.1.26	Cenário 26: Fuga no enchimento de garrafas de Propano.....	212
4.2.3.2.1.27	Cenário 27: Fuga no enchimento de garrafas de Butano.....	213
4.2.3.2.2	Resumo dos resultados obtidos	214
4.2.3.3	Análise de Vulnerabilidades	215
4.2.3.3.1	Possíveis danos ambientais provocados.....	222
4.2.3.4	Estratégia para mitigação de riscos	223
4.2.3.4.1	Distâncias de segurança	223
4.2.3.4.2	Disposições do SMPC destinadas a prestar informações ao público	224
4.2.3.4.3	Disposições da Repsol Banática destinadas a apoiar as medidas de mitigação no exterior..	224
4.2.4	<i>Cartografia</i>	<i>225</i>
4.2.4.1	Implantação/Envolvente da Repsol Banática	225
4.2.4.2	Planta Geral da Repsol Banática.....	226
4.2.4.3	Implantação de Meios de Combate a Incêndios.....	227
4.2.4.4	Localização dos Percursos de Evacuação	228
4.2.4.5	Localização da Rede de Efluentes.....	229
4.2.4.6	Cartografia de Ordenamento – Escala 1:25 000	230
4.2.4.7	Cartografia de Condicionantes – Escala 1:10 000.....	231
4.2.4.8	Cartografia da REN e RAN – Escala 1:10 000	232
4.2.4.9	Cartografia de possíveis localizações para PMA e PCO	233

4.3.4	Registo de controlo de actualização do PEE.....	297
4.3.5	Registo das versões e aprovações do PEE.....	297
4.3.6	Histórico de activações do PEE.....	298
4.3.7	Registo de realização de exercícios de teste ao PEE.....	298
4.3.8	Lista de Distribuição do PEE.....	298
4.3.9	Bibliografia.....	300
4.3.10	Glossário.....	300
4.3.11	Lista de Acrónimos.....	305

ÍNDICE FIGURAS

Figura 1	Articulação entre as várias estruturas (Fonte: Resolução nº 22/2009 de 23 de Outubro - 2ª Série.....	12
Figura 2	- Estrutura organizacional de protecção civil para resposta a situações de emergência.....	13
Figura 3	- Organização do PCO / TO (Fonte: Resolução nº 22/2009).....	18
Figura 4	- áreas de intervenção básicas da organização geral das operações.....	53
Figura 5	- Procedimentos e instruções de coordenação: área de apoio logístico às forças de intervenção (avaliação e estruturas).....	57
Figura 6	- Procedimentos e instruções de coordenação: área de apoio logístico às populações.....	60
Figura 7	- Diagrama de Comunicações.....	62
Figura 8	- Diagrama de Comunicações (Complementar).....	63
Figura 9	- Fluxo de informação.....	65
Figura 10	- Diagrama de Evacuação.....	71
Figura 11	- Diagrama Socorro e Salvamento.....	103
Figura 12	- Procedimentos e instruções de coordenação: área de apoio psicológico.....	103
Figura 13	- Procedimentos e instruções de coordenação.....	106
Figura 14	- Procedimentos e instruções de coordenação: serviços mortuários.....	109
Figura 15	- Estrutura da Protecção Civil.....	113
Figura 16	- Diagrama da estrutura municipal de protecção civil.....	114
Figura 17	- Configuração do Sistema de Gestão de Operações.....	116
Figura 18	- Mapa do enquadramento geográfico do concelho de Almada (Fonte: CMA / DEGAS, 2011).....	132
Figura 19	- Hipsometria da Superfície de Aplanção e Aplanção Litoral, elaborada com base na carta altimétrica à escala 1/1000 Fonte: CMA / DEGAS e ISA / CEAP, 2006.....	133
Figura 20	- Mapa hipsométrico do concelho de Almada (Fonte: CMA / DEGAS, 2011.....	134
Figura 21	- Mapa de declives do Concelho de Almada (Fonte: CMA / DEGAS, 2011.....	136
Figura 22	- Rosa-dos-ventos para esta estação Lisboa / Portela.....	138
Figura 23	- Precipitação para esta estação Lisboa / Portela (valores máximos e mínimos).....	139
Figura 24	- Precipitação para esta estação Lisboa / Portela (total).....	140
Figura 25	- Humidade relativa para esta estação Lisboa / Portela.....	141
Figura 26	- Insolação para esta estação Lisboa / Portela (nº de horas mensais).....	141
Figura 27	- Insolação para esta estação Lisboa / Portela (nº médio de dias).....	142
Figura 28	- Nebulosidade total média para esta estação Lisboa / Portela.....	142
Figura 29	- Nebulosidade para esta estação Lisboa / Portela (nº médio de dias com nevoeiro).....	143
Figura 30	- Uso e ocupação do solo no concelho de Almada (Fonte: CMA / DEGAS, 2011).....	144
Figura 31	- Implantação / envolvente da Repsol Banática.....	225
Figura 32	- Planta Geral da Repsol Banática.....	226
Figura 33	- Implantação de meios de combate a incêndios.....	227
Figura 34	- Localização dos percursos de evacuação.....	228
Figura 35	- Localização da rede de efluentes.....	229
Figura 36	- Cartografia de ordenamento - Escala 1:25 000.....	230
Figura 37	- Cartografia de condicionantes - Escala 1:10 000.....	231

Figura 38 - Cartografia da REN e RAN - Escala 1:10 000	232
Figura 39 - Cartografia de possíveis localizações para PMA e PCO.....	233
Figura 40 - Cartografia de possíveis localizações para ZrNm e NecPro.....	234
Figura 41 - Cartografia de possíveis localizações para ZCAP	235
Figura 42 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 1	236
Figura 43 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 2	237
Figura 44 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 3	238
Figura 45 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 4	239
Figura 46 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 5	240
Figura 47 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 6	241
Figura 48 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 7	242
Figura 49 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 8	243
Figura 50 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 9	244
Figura 51 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 10	245
Figura 52 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 11	246
Figura 53 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 12	247
Figura 54 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 13	248
Figura 55 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 14	249
Figura 56 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 15	250
Figura 57 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 16	251
Figura 58 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 17	252
Figura 59 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 18	253
Figura 60 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 19	254
Figura 61 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 20	255
Figura 62 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 21	256
Figura 63 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 22	257
Figura 64 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 23	258
Figura 65 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 24	259
Figura 66 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 25	260
Figura 67 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 26	261
Figura 68 - Cartografia das áreas de risco dos cenários de acidentes - Cenário 27	262

ÍNDICE TABELAS

Tabela 1 - Principais acções a realizar antes da emergência.....	20
Tabela 2 – Principais acções a realizar durante a emergência	22
Tabela 3 - Zonas de risco e de intervenção para cada cenário de acidente grave	37
Tabela 4 - Principais acções a realizar na fase de reabilitação	38
Tabela 5 - Missão dos Agentes da Protecção Civil.....	46
Tabela 6 - Missão dos Organismos e Entidades de Apoio	52
Tabela 7 - Missão do Operador	52
Tabela 8 - Área de Administração de Meios e Recursos	54
Tabela 9 - Área de Apoio Logístico às Operações	56
Tabela 10 - Área de apoio social.....	59
Tabela 11 - Área de Comunicações.....	61
Tabela 12 - Área de Gestão da Informação de Apoio às Operações.....	64
Tabela 13 - Área de Gestão da Informação Pública	66
Tabela 14 - Informação Pública: TV	67
Tabela 15 – Informação Pública: Rádios Locais	67
Tabela 16 - Informação Pública: Jornais	67
Tabela 17- Área de procedimentos de evacuação.....	70
Tabela 18 - Plano de evacuação	98

Tabela 19 - Identificação de ZCAP	99
Tabela 20 – Área de Manutenção da Ordem Pública	100
Tabela 21 - Área de serviços médicos e transporte de vítimas	102
Tabela 22 - Área de socorro e salvamento.....	106
Tabela 23 - Área de serviços mortuários	108
Tabela 24 - Localização das ZRnM e os NecPro.....	111
Tabela 25 - Estrutura da Protecção Civil	114
Tabela 26 - Composição, convocação e competências da comissão de protecção civil	117
Tabela 27 - Uso e ocupação do solo do concelho de Almada, por freguesia (Fonte: CMA / DEGAS, 2011)	144
Tabela 28 - População residente por censo 1981, 1991 e 2001 e densidade populacional por censo 1991 e 2001 (Fonte: INE, CMA / DEP-DPU, 2010).....	146
Tabela 29 - Inventário de substâncias perigosas manuseadas e/ou armazenadas no Instalação	148
Tabela 30 - Comportamento previsível das substâncias.....	182
Tabela 31 - Condições climatológicas	184
Tabela 32 – Definição de zonas.....	185
Tabela 33 - Cenário 1: Rotura na linha de saída do reservatório de Acetona - Dados iniciais	187
Tabela 34 - Cenário 2: Sobreenchimento do reservatório de Acetona - Dados iniciais	188
Tabela 35 - Cenário 3: Rotura do reservatório de Acetona - Dados iniciais	189
Tabela 36 - Cenário 4: Rotura de linha de saída do reservatório de Butanol - Dados iniciais	190
Tabela 37 - Cenário 5: Sobreenchimento do reservatório de Butanol - Dados iniciais.....	191
Tabela 38 - Cenário 6: Rotura do reservatório de Butanol - Dados iniciais.....	192
Tabela 39 - Cenário 7: Rotura na linha de saída do reservatório de Gasóleo	193
Tabela 40 - Cenário 8: Sobreenchimento do reservatório de Gasóleo - Dados iniciais	194
Tabela 41 - Cenário 9: Rotura da esfera de Propano - Dados iniciais	195
Tabela 42 - Cenário 10: Rotura da esfera de Butano - Dados iniciais	196
Tabela 43 - Cenário 11: Fuga na linha de recepção de Acetona - Dados iniciais	197
Tabela 44 - Cenário 12: Rotura na linha de expedição de Acetona - Dados iniciais	198
Tabela 45 - Cenário 13: Rotura na linha de expedição de Butanol - Dados iniciais	199
Tabela 46 - Cenário 14: Rotura da linha de expedição de Gasóleo - Dados iniciais.....	200
Tabela 47 - Cenário 15: Fuga na linha de recepção de Propano - Dados iniciais.....	201
Tabela 48 - Cenário 16: Fuga na linha de recepção de Butano - Dados iniciais.....	202
Tabela 49 - Cenário 17: Fuga na linha de recepção de Gasóleo no interior da bacia de retenção - Dados iniciais.....	203
Tabela 50 - Cenário 18: Fuga na linha de recepção de Gasóleo fora da bacia de retenção - Dados iniciais	204
Tabela 51 - Cenário 19: Fuga na linha de expedição de Propano - Dados iniciais	205
Tabela 52 - Cenário 20: Fuga na linha de expedição de Butano - Dados iniciais	206
Tabela 53 - Cenário 21: Fuga na bomba de Gasóleo - Dados iniciais.....	207
Tabela 54 - Cenário 22: Fuga na bomba de Propano - Dados iniciais	208
Tabela 55 - Cenário 23: Fuga na bomba de Butano - Dados iniciais	209
Tabela 56 - Cenário 24: Rotura na mangueira de Acetona de enchimento de cisterna - Dados iniciais..	210
Tabela 57 - Cenário 25: Rotura na mangueira de carga de navio com gasóleo - Dados iniciais.....	211
Tabela 58 - Cenário 26: Fuga no enchimento de garrafas de Propano - Dados iniciais	212
Tabela 59 - Cenário 27: Fuga no enchimento de garrafas de Butano - Dados iniciais	213
Tabela 60 - Resumo das distâncias que serão utilizadas para determinar as 3 zonas de risco	215
Tabela 61 - Análise de vulnerabilidades para cada cenário	222
Tabela 62 - Viaturas da Câmara Municipal de Almada	265
Tabela 63 - Viaturas do SMAS	268
Tabela 64 - Viaturas e equipamentos dos Corpos de Bombeiros	270
Tabela 65 - Meios humanos dos Corpos de Bombeiros.....	271
Tabela 66 - Contactos da CMPC	272
Tabela 67 - Contactos dos Serviços da Câmara Municipal de Almada.....	274
Tabela 68 - Contactos dos SMAS	275

Tabela 69 - Contactos das Juntas de Freguesia potencialmente afectadas	275
Tabela 70 - Contactos dos meios de comunicação social	276
Tabela 71 - Contactos dos agentes de protecção civil	277
Tabela 72 - Canais em Semi-Duplex.....	277
Tabela 73 - Canais em Semi-Duplex (Comando Distrital).....	277
Tabela 74 - Canais em Simplex (Comando, Táticos e Manobra)	278
Tabela 75 - Contactos de outros agentes de protecção civil, organismos e entidades de apoio	282
Tabela 76 - Contactos da Repsol Banática	282
Tabela 77 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 3.....	283
Tabela 78 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 6.....	283
Tabela 79 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 9.....	285
Tabela 80 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 10.....	288
Tabela 81 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 15.....	288
Tabela 82 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 16.....	288
Tabela 83 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 20.....	288
Tabela 84 - Contactos de estabelecimentos presentes nas áreas de risco - Cenário 23.....	288
Tabela 85 - Registo de controlo de actualização do PEE.....	297
Tabela 86 - Registos das versões e aprovações do PEE	297
Tabela 87 - Histórico de activações do PEE.....	298
Tabela 88 - Registo de realização de exercícios de teste ao PEE	298
Tabela 89 - Lista distribuição do PEE	299

4 INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

4.1 SECÇÃO I

4.1.1 Organização da Protecção Civil em Portugal

Apresenta-se nesta secção uma caracterização da organização geral da Protecção Civil em Portugal, de acordo com a Lei de Bases da Protecção Civil (Lei nº. 27/2006).

4.1.1.1 ESTRUTURA DA PROTECÇÃO CIVIL

Apresenta-se em diagrama a estrutura e organização da Protecção Civil de acordo com o âmbito territorial de intervenção.

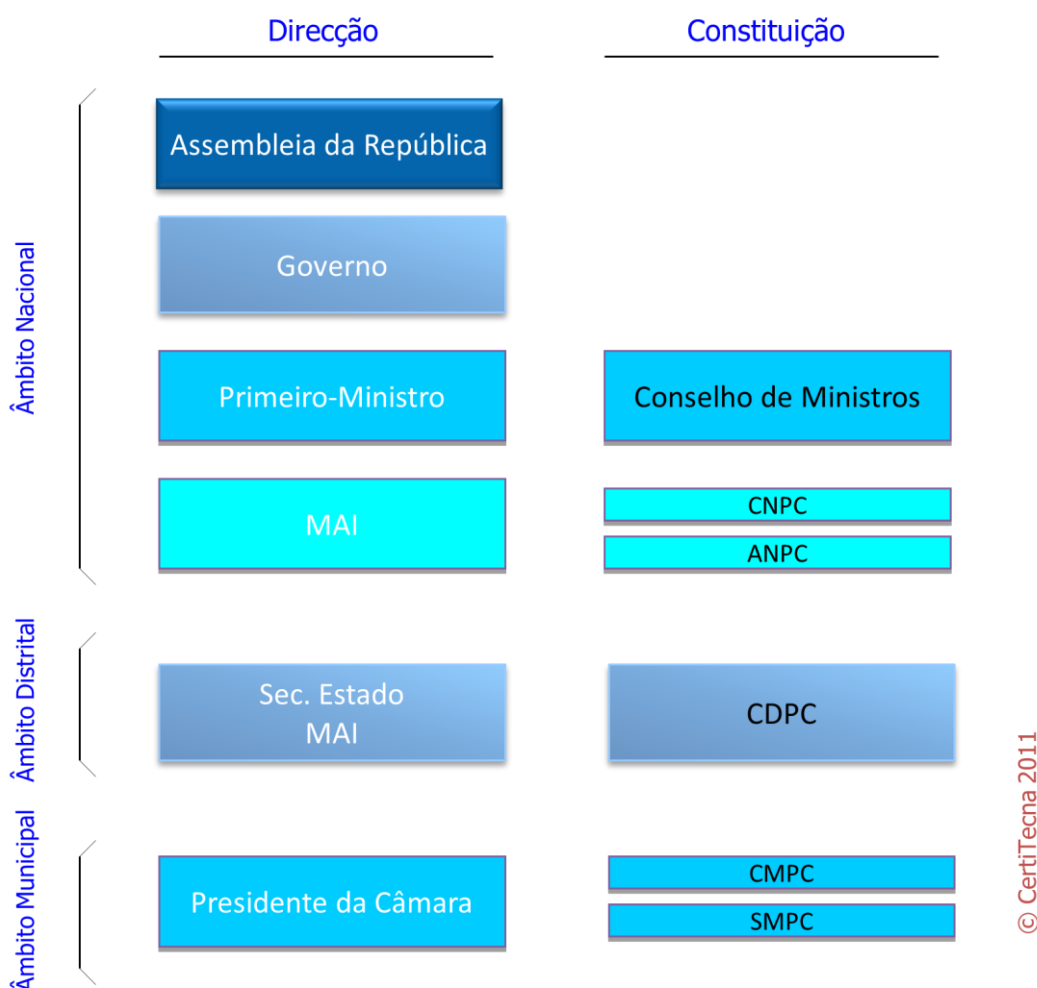


Figura 15 - Estrutura da Protecção Civil

Apresenta-se em diagrama a estrutura municipal de protecção civil.

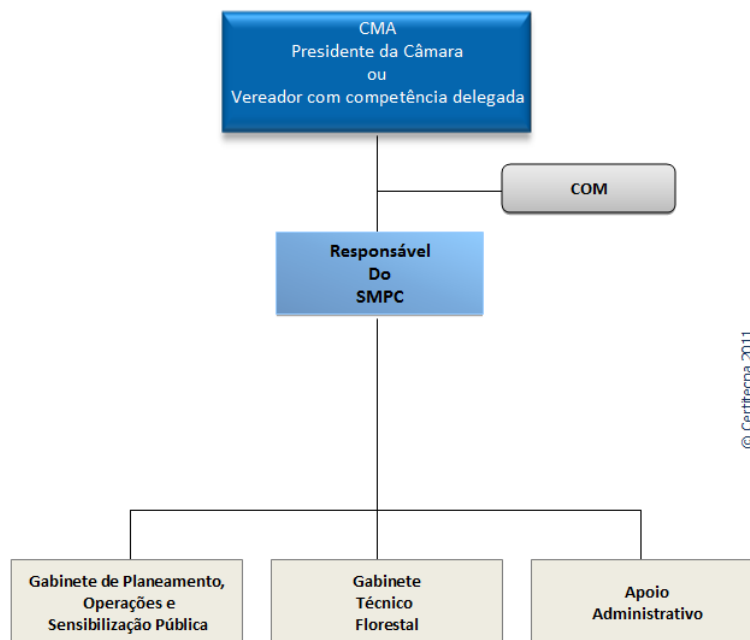


Figura 16 - Diagrama da estrutura municipal de protecção civil

4.1.1.2 ESTRUTURAS DAS OPERAÇÕES

No quadro seguinte apresentam-se os responsáveis pela estrutura das operações a desenvolver em situações de emergência e de acordo com o âmbito de intervenção territorial (Distrital e Municipal).

ÂMBITO TERRITORIAL	COMANDO OPERACIONAL	COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL
Distrital	CODIS	CCOD – CDOS
Municipal	COM	CMPC - SMPC

Tabela 25 - Estrutura da Protecção Civil

SISTEMA INTEGRADO DE OPERAÇÕES DE PROTECÇÃO SOCORRO (SIOPS)

O objectivo do SIOPS é definir um conjunto de estruturas, normas e procedimentos, para que todos os agentes de Protecção Civil actuem de uma forma articulada e sob um comando único, sem prejuízo da respectiva dependência hierárquica e funcional.

O SIOPS foi desenvolvido com base em estruturas de coordenação operacional, de âmbito nacional e distrital, onde se compatibilizam todas as instituições necessárias para fazer face a acidentes graves e catástrofes.

Neste sentido é importante que a estrutura de intervenção definida neste PEE tenha em consideração este Sistema, dando-se especial atenção ao nível de coordenação distrital.

ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE GESTÃO DE OPERAÇÕES

O Sistema de Gestão das operações (SGO) é uma forma de organização dos TO que se desenvolve de uma forma modular. O seu desenvolvimento é da responsabilidade do COS (Comandante das Operações de Socorro), que a deverá utilizar sempre que os meios disponíveis do primeiro alarme e posteriormente do segundo alarme se mostrem insuficientes.

Sempre que uma força de socorro de uma qualquer das organizações integrantes do SIOPS for accionada, o chefe da primeira força a chegar ao local assume de imediato o comando da operação e garante a construção de um sistema evolutivo de comando e controlo da operação.

A evolução da situação pode levar ao aumento da complexidade da operação e conseqüentemente do teatro de operações, pelo que o processo de transferência da função de COS é de vital necessidade, competindo a um elemento de Comando do Corpo de Bombeiros com a responsabilidade da área onde decorre o evento, assumir essa função.

A responsabilidade da assumpção da função de Comandante das Operações de Socorro cabe por ordem crescente:

- Ao Chefe da primeira equipa a chegar ao evento, independentemente da sua titularidade;
- Ao Chefe do Grupo de Combate presente no teatro de operações;
- Ao Oficial Bombeiro mais graduado, presente no teatro de operações;
- Ao Comandante do Corpo de Bombeiros da área de actuação.

CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA DE GESTÃO DE OPERAÇÕES

O sistema de gestão de operações configura-se nos níveis **estratégico, tático** e de **manobra**.

NÍVEL ESTRATÉGICO:

- Determinação da estratégia adequada face à ocorrência;
- Estabelecimento dos objectivos gerais da operação;
- Definição de prioridades;
- Elaboração e actualização periódica do plano estratégico de acção;
- Recepção e colocação de meios de reforço;
- Previsão e planeamento de resultados;
- Fixação de objectivos específicos a nível tático.

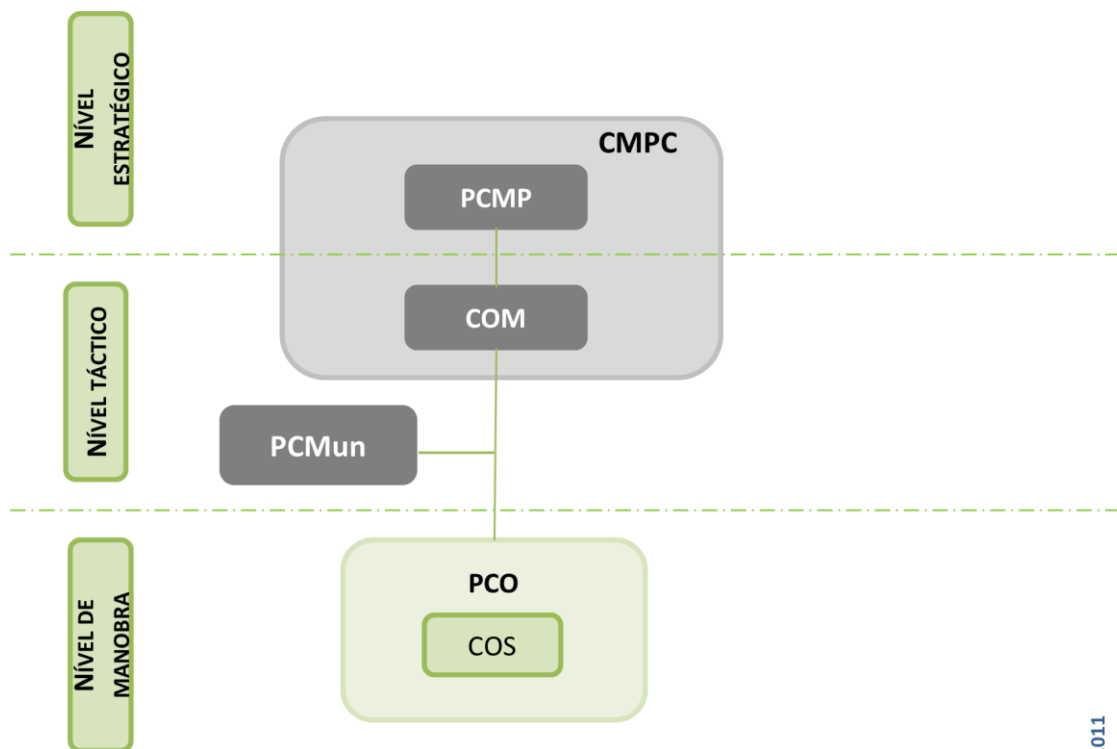
NÍVEL TÁTICO:

- Dirigir as actividades operacionais tendo em consideração os objectivos a alcançar de acordo com a estratégia definida.

NÍVEL DE MANOBRA:

- Determinar as tarefas específicas de acordo com os objectivos táticos definidos. Estas tarefas são normalmente realizadas e desenvolvidas com meios humanos e com o apoio de meios técnicos.

A figura que se apresenta a seguir configura os três níveis na estrutura organizacional para resposta à emergência do município de Almada.



PCMP – Presidente da Câmara Municipal do Porto
 CMPC – Comissão Municipal de Protecção Civil
 COM – Comandante Operacional Municipal
 PCMun – Posto de Comando Municipal
 PCO – Posto de Comando Operacional
 COS – Comandante de Operações de Socorro

© Certitecna 2011

Figura 17 - Configuração do Sistema de Gestão de Operações

4.1.2 Mecanismos da Estrutura de Protecção Civil

4.1.2.1 COMPOSIÇÃO, CONVOCAÇÃO E COMPETÊNCIAS DA COMISSÃO DE PROTECÇÃO CIVIL

No quadro seguinte apresenta-se a composição, convocação e competências da Comissão Municipal de Protecção Civil, assim como o elemento responsável pela sua convocação.

ENTIDADE/NOME	CONVOCAÇÃO	COMPOSIÇÃO	COMPETÊNCIAS
Comissão Municipal de Protecção Civil (CMPC)	<p>Director do Plano</p> <p>--</p> <p>Presidente da Câmara Municipal</p> <p>ou</p> <p>Vereador com Competência Delegada</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presidente da Câmara Municipal de Almada ▪ Comandante Operacional Municipal ▪ Comandante do Corpo de Bombeiros de Cacilhas ▪ Comandante do Corpo de Bombeiros de Almada ▪ Comandante do Corpo de Bombeiros da Trafaria ▪ Comandante do Destacamento da GNR de Almada ▪ Comandante da Divisão da PSP de Almada ▪ Comandante local da Polícia Marítima ▪ Autoridade de Saúde – Delegada de Saúde de Almada ▪ Director do Hospital Garcia de Orta ▪ Director do Agrupamento de Centros de Saúde de Almada ▪ Representante do Instituto de Segurança Social, I.P. – Almada ▪ Responsável do Serviço Municipal de Protecção Civil de Almada ▪ Representante dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada ▪ Director Municipal da Direcção Municipal de Mobilidade e Valorização Urbana – CMA ▪ Representante da Repsol Banática ▪ Representantes de outras entidades ou serviços implantados no município, cujas actividades e áreas funcionais possam, de acordo com a situação em concreto, contribuir para as acções de protecção civil 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir a elaboração do Plano Municipal de Emergência, remetê-lo para aprovação pela CNPC e acompanhar a sua execução; ▪ Determinar o accionamento dos planos, quando tal se justifique. ▪ Acompanhar as políticas directamente ligadas ao sistema de protecção civil, que sejam desenvolvidas por agentes públicos. ▪ Garantir que as entidades e instituições que integram a CMPC accionam, ao nível municipal, no âmbito da sua estrutura orgânica e das suas atribuições, os meios necessários ao desenvolvimento das acções de protecção civil. ▪ Difundir comunicados e avisos às populações e às entidades e instituições, incluindo os órgãos de comunicação social.

Tabela 26 - Composição, convocação e competências da comissão de protecção civil

Os representantes nomeados em sede da CMPC pelas diversas entidades intervenientes, são convocados por ordem do Director do Plano ou o seu substituto.

Para as reuniões ordinárias, a convocação será efectuada por ofício ou correio electrónico.

Para as reuniões extraordinárias, será utilizada a via mais expedita disponível, nomeadamente:

- Contacto telefónico com a entidade que o superintende, que posteriormente fará o contacto com o seu representante;
- Contacto telefónico com o próprio;
- Deslocação de viaturas da CMA e/ou outra entidade disponível para aviso e eventual transporte.

No capítulo 4 – Secção III deste documento encontra-se a lista de contactos da CMPC.

4.1.2.2 CRITÉRIOS E ÂMBITO PARA A DECLARAÇÃO DE SITUAÇÕES DE ALERTA

A declaração de situações de alerta, é um mecanismo à disposição da autoridade política de protecção civil para potenciar a adopção de medidas a desencadear na ocorrência de um acidente grave ou catástrofe. Tal declaração é realizada de acordo com a natureza dos acontecimentos a enfrentar e atendendo à gravidade e extensão dos seus efeitos.

Compete ao Presidente da Câmara Municipal de Almada (Director do Plano) declarar a situação de Alerta.

CRITÉRIOS:

A situação de alerta pode ser declarada a partir do Nível 2 de emergência quando, face à ocorrência ou eminência de ocorrência de acidente grave na Instalação da Repsol Banática, é reconhecida a necessidade de adoptar medidas preventivas e ou medidas especiais de reacção, nomeadamente nas seguintes situações:

- Acidente com reservatório de acetona ou tubagem adjacente;
- Acidente com reservatório de butanol ou tubagem adjacente;
- Acidente com esfera de propano ou tubagem adjacente;
- Acidente com esfera de butano ou tubagem adjacente;
- Acidente com reservatório de gasóleo ou tubagem adjacente;
- Ocorrência de uma causa externa às instalações com elevada probabilidade de originar um acidente grave na Repsol Banática, como por exemplo um sismo ou deslizamento de terras.

ÂMBITO:

O acto que declara a situação de alerta menciona expressamente:

- A natureza do acontecimento que originou a situação declarada;
- O âmbito temporal e territorial;
- A estrutura de coordenação e controlo dos meios e recursos a disponibilizar.

Para além das medidas especialmente determinadas pela natureza da ocorrência, a declaração de **situação de alerta** dispõe expressamente sobre:

- A obrigatoriedade de convocação da CMPC;
- O estabelecimento dos procedimentos adequados à coordenação técnica e operacional dos serviços e agentes de Protecção Civil, bem como dos recursos a utilizar;
- O estabelecimento das orientações relativas aos procedimentos de coordenação da intervenção das forças e serviços de segurança;
- A adopção de medidas preventivas adequadas à ocorrência.

A declaração da situação de alerta determina uma obrigação especial de colaboração dos meios de comunicação social, em particular das rádios e das televisões, visando a divulgação das informações relevantes relativas à situação.

4.1.2.3 SISTEMA DE MONITORIZAÇÃO, ALERTA E AVISO

O sistema de monitorização, alerta e aviso destina-se a assegurar que na iminência ou ocorrência de um acidente grave ou catástrofe tanto as entidades intervenientes no Plano como as populações expostas tenham a capacidade de agir de modo a salvaguardar vidas e a proteger bens. Como tal, nas suas três vertentes, visa proporcionar uma eficaz vigilância do risco, um rápido alerta aos agentes de protecção civil e entidades envolvidas no Plano e um adequado aviso à população.

4.1.2.3.1 Sistema de Monitorização

Existem diversos sistemas de monitorização para as diferentes tipologias de risco:

- Sistema de Avisos Meteorológicos do Instituto de Meteorologia (situações meteorológicas adversas);
- Monitorização da Actividade Sísmica (Instituto de Meteorologia);
- O Serviço Municipalizado de Água e Saneamento dispõe de um conjunto de sistemas de monitorização das bacias hidrográficas existentes no concelho.

No município de Almada a monitorização será efectuada com base nos sistemas nacionais referidos, na cartografia existente para o efeito e através do conhecimento dos dados históricos de ocorrências recolhidos ao longo dos últimos anos, nomeadamente em situações de cheia e de incêndios florestais.

Em complemento, a Repsol Banática tem implementados procedimentos de acompanhamento permanente das instalações, de forma a detectar qualquer anomalia atempadamente, reduzindo desta forma a probabilidade de ocorrência de acidentes graves.

4.1.2.3.2 Sistema de Alerta

A transmissão do alerta aos agentes de protecção civil inicia-se com a implementação da rotina de alarme e alerta da Repsol Banática.

O alerta ao Serviço Municipal de Protecção Civil é sempre realizado nas seguintes condições:

- ocorrência de incidentes que configurem a activação do Plano de Emergência Interno, independentemente de este ser ou não activado, mesmo em situações em que se prevê vir a não ser necessário a activação do Plano de Emergência Externo
- ocorrência de incidentes ou acidentes que envolvam equipamentos e possíveis libertações de substâncias perigosas

A informação a fornecer ao Serviço Municipal de Protecção Civil contém:

- Descrição da situação de emergência, incluindo:
 - ✓ O(s) tipo(s) de acidente(s): incêndio / nuvem / explosão;
 - ✓ Substância libertada;
 - ✓ O que afectou;
 - ✓ Quais os efeitos previstos;
 - ✓ Quais as medidas de emergência interna e externa a adoptar;
 - ✓ Qual a situação quanto a feridos;
 - ✓ Local de acesso;
 - ✓ Qual o ponto de encontro.

O alerta ao Serviço Municipal de Protecção Civil é realizado por telefone.

A avaliação da situação em emergência é efectuada pelo Coordenador do PEI ou o seu substituto. A avaliação é efectuada com dados obtidos a partir das informações prestadas pelo pessoal que detectou a emergência, pelos Sistemas de Detecção e Alarme e por dados no terreno adquiridos pelo Coordenador de Intervenção do sector onde ocorrer a Emergência.

Para chamada rápida dos Bombeiros, existe um telefone com linha directa ao Centro de Comando Operacional, instalado na Portaria do sector do Oil.

Os estabelecimentos vizinhos serão avisados via telefónica. A Portaria dispõe da seguinte listagem de Empresas Vizinhas:

- Petrolgal - Parque de Porto Brandão: 21 2951924 / 4942
- ETC – Porto Brandão: 21 2953095
- OZ Energia: 21 3500891
- Tagol – Palença: 21 2949000

O responsável pela realização do alerta ao SMPC é:

Eng.º José Luís Figueira

Cargo ocupado: Gerente da Instalação

Telefone: +351 21 294 5200

Telemóvel: +351 91 720 8823

Sendo o substituto:

Eng.º José Pinto Correia

Telefone: +351 21 294 5200

Telemóvel: +351 96 273 7944

4.1.2.3.3 Sistema de Aviso

No que respeita aos sistemas de aviso, existem diversos dispositivos para o efeito (sirenes, telefones, viaturas com megafones, estações de rádio locais, televisão, etc.) pelo que a decisão do meio a adoptar terá que ser baseada na extensão da zona afectada, no tipo, dimensão e dispersão geográfica da população a avisar (pequenas povoações rurais, grandes aglomerados urbanos, quintas dispersas, etc.), na proximidade geográfica dos agentes de Protecção Civil e nos meios e recursos disponíveis. Deve ainda ser tido em conta que uma situação pode ocorrer durante o dia útil de trabalho, à noite ou durante os fins-de-semana, o que não só faz variar a localização da população aquando de um possível acidente, mas também a forma de poderem receber o aviso, pelo que diferentes procedimentos de aviso devem ser contemplados para diferentes períodos do dia e da semana.

Para populações de pequena dimensão pode utilizar-se o aviso automático através da rede telefónica, o que requer que listas de residências e empregos com a respectiva localização e números de telefones sejam elaboradas e mantidas actualizadas. Porém, haverá que considerar formas de aviso (por exemplo, emissão de mensagens escritas ou difusão celular para telemóveis) para a população em movimento que não está nas suas residências ou nos seus locais de emprego.

Outro meio de aviso à população é o uso de megafones, em que a utilização de carros auxilia à cobertura de maiores áreas num menor espaço de tempo. Estações de rádio locais, ou mesmo de televisão, podem também ser utilizadas para uma rápida difusão do aviso.

Dado que o aviso à população é uma acção crucial para minorar o número de vítimas, e que é difícil que qualquer dos meios seleccionados abranja toda a população potencialmente afectada, deverá ser prevista a redundância de meios de aviso.

Fase da pré-emergência:

- Sítio da internet da Câmara Municipal de Almada;
- Mensagens sms
- Órgãos de comunicação social

Fase da emergência:

- Órgãos de comunicação social
- Megafones em veículos dos agentes de protecção civil
- Sítio da internet da Câmara Municipal de Almada
- Mensagens sms
- Sirenes
- Rede fixa de telefone